



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

OSVALDO SOUSA DE ASSIS NETO

RUAS EM MEMÓRIA: WEBSÉRIE SOBRE O CENTRO DE FORTALEZA

FORTALEZA

2025

OSVALDO SOUSA DE ASSIS NETO

RUAS EM MEMÓRIA: CENTRO DE FORTALEZA

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvia Helena Belmino Freitas.

FORTALEZA

2025

OSVALDO SOUSA DE ASSIS NETO

RUAS EM MEMÓRIA: CENTRO DE FORTALEZA

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof.^a Dra. Silvia Helena Belmino Freitas.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Silvia Helena Belmino Freitas (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Me. Ed Ney Borges Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Alan Eduardo dos Santos Góes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é só meu e vai muito além da minha existência, *Ruas em Memória: o Centro de Fortaleza* é um pedacinho de cada pessoa que passou pela minha trajetória. Início com um agradecimento especial a Deus e aos meus pais, Osvaldo Júnior e Ana Paula, por sempre acreditarem em mim e me ajudarem a ser quem eu sou hoje. Agradeço também a minha grande e amada família, aos amigos de vida, de escola, da faculdade e aos professores que estiveram ao meu lado. Realizar este projeto foi possível graças à orientação da professora Sílvia Helena Belmino que me abraçou e me acolheu desde o primeiro traço do trabalho sobre o Centro de Fortaleza. Para Samuel, Pedro, Vitória, Fátima, Jacinta, Airam, Osvaldo e Stela, gratidão por me iluminarem nesse processo.

“Fora da memória tem uma recompensa, um presente pra você que não pensa no que foi no que será.” (Marisa Monte, 2017).

RESUMO

O trabalho *Ruas em Memória: o Centro de Fortaleza* busca celebrar e documentar as histórias de vida e os relatos das pessoas não só dos indivíduos que trabalham ou já trabalharam no Centro de Fortaleza, mas também daqueles que circulam no bairro. A finalidade é apresentar não apenas uma visão rasa da atual condição do bairro, mas explorar sua configuração socioespacial com base em entrevistas com membros familiares e pessoas que exercem atividades e caminham na área. Dessa forma, as entrevistas darão voz a essas memórias, revelando as vivências autênticas daqueles que conheceram um Centro no passado não tão distante e dos que conhecem um Centro hoje. Por meio desse registro, pretende-se não apenas preservar e compartilhar as memórias individuais e coletivas das pessoas, mas também compreender como as pessoas enxergam o espaço urbano que se modificou ao longo do tempo, impactando quem o viveu e quem ainda o vive. O seriado em formato vertical é voltado para as redes sociais e ressalta a importância não só histórica e cultural, mas, sobretudo, comercial do Centro de Fortaleza.

Palavras-chave: audiovisual; centro de Fortaleza; configuração socioespacial; comércio; memória coletiva.

ABSTRACT

The work *Ruas em Memória: o Centro de Fortaleza* seeks to celebrate and document the life stories and stories of people, not only those who work or have worked in the Center of Fortaleza, but also those who circulate in the neighborhood. The purpose is to present not only a shallow view of the current condition of the neighborhood, but to explore its socio-spatial configuration based on interviews with family members and people who carry out activities and walk in the area. In this way, the interviews will give voice to these memories, revealing the authentic experiences of those who knew a Center in the not-so-distant past and those who know a Center today. Through this record, the aim is not only to preserve and share people's individual and collective memories, but also to understand how people see the urban space that has changed over time, impacting those who lived in it and those who still live there. The series in vertical format is aimed at social networks and highlights the importance not only historical and cultural, but, above all, commercial of the Center of Fortaleza.

Keywords: audiovisual media; business; downtown Fortaleza; socio-spatial configuration; collective memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família Marques.....	11
Figura 2 - Livraria Interativa.....	12
Figura 3 - Mapa Mental.....	19
Figura 4 - Mapa do Centro de Fortaleza.....	25
Figura 5 - Logotipo.....	30
Figura 6 - Roteiro Ato I	33
Figura 7 - Entrevistados	36
Figura 8 - Entrevistados	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO.....	14
3 JUSTIFICATIVA.....	15
4 OBJETIVOS.....	17
4.1 OBJETIVO GERAL.....	17
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
5 METODOLOGIA.....	18
6 REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
6.1 Memórias.....	20
6.2 CAMINHAR E DOCUMENTAR.....	22
6.3 O CENTRO DA CIDADE DE FORTALEZA.....	23
6.4 DOCUMENTAR EM CAPÍTULOS PARA A INTERNET: UMA WEBSÉRIE.....	28
7 ELEMENTOS DO PROJETO GRÁFICO.....	29
7.1 IDENTIDADE VISUAL.....	29
7.2 LOGOTIPO E TIPOGRAFIA.....	29
7.3 CORES.....	31
8 PRODUÇÃO.....	31
8.1 ROTEIRIZAÇÃO.....	32
8.2 FORMATO E GRAVAÇÃO.....	34
8.3 EDIÇÃO.....	37
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICE.....	43
ANEXO A - ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	44
ANEXO B - Direito de Imagem.....	57

1 INTRODUÇÃO

Rua Major Facundo, Rua Senador Pompeu, Rua Pedro Pereira, Rua Pedro I e Rua do Pocinho. Para a maioria das pessoas, tais endereços são apenas ruas do bairro central da capital do Ceará. Entretanto, para duas linhagens, os Assis e os Marques, minha grande família, essas ruas evocam memórias e histórias familiares. Dessa forma, para entender como o presente objeto de pesquisa, o Centro de Fortaleza, cruza a minha vida, não só pessoal, mas também gera repercussões para a vivência acadêmica. Portanto, torna-se necessário visitar o imaginário coletivo de uma família que, rodeada de livros e de materiais escolares, transformou a vida dos seus descendentes a partir do trabalho.

Enraizados na região metropolitana de Fortaleza em Maranguape, a família Marques vivia, em sua numerosa árvore genealógica, uma realidade predestinada à maioria dos cearenses que não moravam na capital do século passado. Eram 18 membros: a mãe, Marieta, costureira, e o pai, Pedro, pedreiro, com 16 filhos. Destes, as mulheres, maioria do núcleo familiar, foram as responsáveis por impulsionar a transformação da família Marques, em especial a Maria Stela. Esta, minha avó materna, propôs a mudança das mulheres para a capital do Estado do Ceará em busca de trabalho e de estudo, isto é, almejavam uma melhor condição de vida, bem como muitos cearenses que praticavam e ainda praticam, o êxodo rural.

Figura 1 - Família Marques



Fonte: Acervo Pessoal, 1950.

Na década de 1970, desembarcaram em terras alencarinhas Stela, Fátima, Jacinta, Cecília, Lúcia, Rosa e Raimunda. Enquanto trabalhava para auxiliar financeiramente as irmãs mais novas, Stela teve a ideia de montar um negócio junto às irmãs: uma livraria e uma papelaria no centro da cidade, chamada Livraria do Estudante.

Nesse contexto histórico e familiar, há 52 anos foi fundada a Livraria do Estudante de Stela, Fátima, Jacinta e Lúcia. Com o decorrer do tempo, as irmãs Marques se ramificaram em seus próprios empreendimentos pela cidade: Livraria Pedro I de Fátima, hoje Livraria D.Pedro, Livraria Atual de Rosa, Livraria Globo de Lúcia e Livraria Cearense de Stela, esta última empresa, renomeada como Livraria Interativa por Ana Paula em 1998.

Figura 2 - Livraria Interativa



Fonte: Acervo Pessoal, 1999.

Era um tempo diferente, no qual as livrarias, bem como a maioria dos pontos comerciais existentes na localidade, ainda figuravam como centros de compras no período escolar na cidade, sendo essenciais para a compra de listas e materiais escolares. A vida foi acontecendo, e as chefes de família dedicaram-se diariamente, além de abdicarem de muitas demandas pessoais, para fazerem as livrarias prosperarem. As matriarcas, seus filhos e netos viveram cercados de livros e materiais escolares, desempenhando papéis importantes nos comércios, desde o atendimento até a administração. Infelizmente as mudanças apresentadas ao longo do tempo como venda de livros nas escolas, uso de apostilas, comercialização de

livros usados, e o próprio âmbito cibernético formam uma junção de fatores que foram determinantes para o fechamento de muitas dessas lojas no centro, resistindo apenas a Livraria do Estudante na Rua Major Facundo.

Além da família Marques, os Assis e os Carvalho, minha família paterna, também desempenharam um papel importante para entender o encontro de parte da minha história com o centro. Meu avô paterno, Osvaldo Assis, cujo nome serviu de inspiração para o meu, era delegado do trabalho e se mudou para Fortaleza, conheceu minha avó Airam e por causa desse amor fincou suas raízes na capital. Após anos atuando no Ministério do Trabalho, Osvaldo decidiu abdicar de suas funções e trabalhar exclusivamente como contador. Ao buscar um local para abrir um escritório contábil na cidade, Osvaldo encontrou um prédio na Rua do Pocinho, com vista para a Praça dos Leões e para a Catedral Metropolitana de Fortaleza.

Osvaldo passou a viver grande parte do seu dia no centro. Quando não estava trabalhando, certamente estava nos ilustres bancos de um dos cartões postais da cidade: a Praça do Ferreira, seu cantinho preferido do bairro, onde conversava, andava e encontrava bons amigos. Minha avó paterna Airam também trabalhou durante muitos anos na Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), órgão do governo responsável pela fiscalização dos preços, que tinha como sede um imóvel localizado na Rua Senador Pompeu. Atualmente, a Rua do Pocinho ainda faz parte da história da família Assis, uma vez que meus pais, Osvaldo Júnior e Ana Paula, exercem atividades jurídicas no mesmo escritório que foi de meu avô.

É nesse ambiente familiar e de comércio que a minha existência se entrelaça com a centralidade da metrópole. Sempre fui apaixonado por ouvir as histórias e as memórias daqueles que vieram antes de mim, além de contemplar os álbuns de fotografia da família, o que me guiou no âmbito pessoal e, conseqüentemente, no escopo deste projeto. Ao longo da minha existência infantojuvenil, pessoas e espaços marcaram meu imaginário central, como passar a tarde na livraria, comprar gibis da Turma da Mônica na banca de revistas do Fernando e cortar o cabelo com a Dalvinha.

Anos mais tarde, ajudei a atender no período escolar, ficando responsável pelos materiais escolares. Também, o empreendimento Donastela Massas e Recheios, um espaço culinário dentro da livraria idealizado por minha mãe, Ana Paula, em homenagem à minha avó, Dona Stela. Ali, tive minha primeira experiência

prática, enquanto publicitário em formação, ao cuidar das redes sociais, desenvolver painéis de divulgação e peças internas, como cardápios e banners. Contudo, em 2023, após anos de dedicação, Ana Paula decidiu fechar as portas da livraria e do restaurante, devido não só ao declínio da rentabilidade desses comércios, mas também ao cansaço físico e mental após mais de 30 anos no ramo.

É interessante pontuar também que, ao vivenciar quase diariamente o centro devido à livraria e ao restaurante, essa experiência se refletia também na sala de aula do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foram diversas as atividades em que escolhi produzir materiais para a Donastela Massas e Recheios, como nas disciplinas de audiovisual, de direção de arte e de redação publicitária.

Em adição, ao cursar a cadeira de “Comunicação, Cidade e Música” da professora Silvia Helena Belmino em 2024.1, encontrei o escopo ideal para dar início às minhas investigações sobre o que se desenhava a ser o meu projeto de pesquisa. A proposta final da atividade era criar algo que envolvesse os três aspectos que nomeavam a disciplina, logo, pensei em explorar o que era o silêncio no centro, ou melhor, as “zuadas”. Com essa ideia, surgiu um vídeo em formato vertical com vários *takes* com os sons originais das ruas e das pessoas, nomeado por mim e por minha dupla, Tatiana Saunders, de “Vozes do Centro”.

De fato, o centro e o comportamento das pessoas já não são mais os mesmos de quando minha avó e suas irmãs idealizaram o empreendimento na década de 1970. É com um sentimento nostálgico e renovador que desenvolvi uma série documental audiovisual, explorando os cantos das memórias de pessoas que conheceram o antigo centro e, atualmente, ainda frequentam o coração da cidade.

2 PROBLEMA DE COMUNICAÇÃO

Então, como o Centro de Fortaleza e as memórias dos cearenses sobre referido bairro podem ser celebrados de modo a promover novas percepções e comportamentos a uma nova geração que habita a cidade? Tendo em vista que o centro é um espaço vital que dialoga com o social, o cultural e, sobretudo, o comercial. À luz dessas indagações, surge a pergunta norteadora: de que maneira o antigo e o atual centro se cruzam nas ruas das memórias?

Quantas histórias e memórias cabem em uma placa? *Ruas em Memória: o Centro de Fortaleza* vem responder essa pergunta, pois busca-se conhecer as histórias e, conseqüentemente, quem as conta: as pessoas que transitam e as que exercem atividades laborais no centro.

A pesquisa bibliográfica e documental de análise de dados primários baseia-se em aspectos sociológicos e culturais para compreender a dinâmica e a fragmentação do espaço urbano central, na medida em que conheço as memórias e as vivências das pessoas. Desse modo, este produto cultural visa, por meio de captações audiovisuais, de relatos pessoais e de histórias, celebrar o centro comercial da cidade. Com os vídeos, espera-se que as memórias sejam guardadas para que se mantenham lembradas, despertando a atenção da sociedade e dos entes governamentais para o desenvolvimento de políticas públicas que retornem o Centro de Fortaleza um lugar especial, não apenas na memória, mas também vivo no cotidiano.

3 JUSTIFICATIVA

Explorar, divulgar e preservar os cantos da memória de um bem comum: o Centro de Fortaleza. Esta é a premissa que, em síntese, justifica a finalidade deste produto audiovisual e cultural. Uma vez que cresci indo ao Centro por ligações familiares, vivi imerso nesse cenário central curioso. O propósito é celebrar e preservar a história afetiva, comercial e cultural do Centro. Inspirado por memórias familiares, o produto valoriza o Centro de Fortaleza como um espaço de memória e de identidade. Contudo, antes de chegar ao objeto de pesquisa, é preciso retroceder algumas passadas para observar e caminhar sem vícios introspectivos, passeando não somente por lugares que já conhecia, mas experimentando novas paisagens centrais..

Para tanto, é necessário atravessar o estado da arte. Este, por sua vez, é um ponto de interseccionalidade composto por uma diversidade de experiências acadêmicas e culturais que se entrelaçam nas esquinas da lembrança do centro. No entanto, é importante, a princípio, compreender como esse lugar é apresentado e quais as visões, internas e externas, que orientam as ruas, os monumentos e os acontecimentos centrais.

Com o objetivo de apresentar um centro não apenas sob a visão e as percepções do presente autor, torna-se imprescindível realizar um levantamento bibliográfico, acadêmico e cultural dos últimos anos, com foco no Centro, na memória e no caminhar, além de aprofundar-se em produções culturais e audiovisuais sobre o objeto de pesquisa.

Para Souza (2012), a região central, núcleo de origem da cidade de Fortaleza, foi palco de grandes transformações. Essas transformações não se limitaram às questões arquitetônicas, mas também envolveram aspectos sociais, culturais, econômicos e espaciais. Para entender o presente do bairro é preciso revisitar as memórias e investigar o passado. Posto isto, é sabido que o local sempre foi tido como um espaço caloroso, de movimento de pessoas, de comércio e de memória.

Não existem tantos trabalhos originais em formato vertical para as mídias digitais que falem sobre o Centro de Fortaleza sob a perspectiva de quem compõe o cenário: as pessoas que comercializam, compram e passam. Como exemplo de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), produzidos no Instituto de Cultura e Arte (ICA), destaca-se o de Ana Paula Veras Camurça Vieira, intitulado "Notas para uma cidade por vir: os gestos filmicos engajados na invenção do espaço urbano." (2021), que aborda os trajetos dos espaços da cidade com base no audiovisual.

Em consonância com a autora mencionada, este trabalho de conclusão de curso prático segue a linha de pesquisa sobre os espaços e trajetos urbanos a partir. Entretanto, distingue-se na medida em que o local a ser estudado é o Centro de Fortaleza, um sujeito aberto ao mergulho em seu universo e que carece de maior atenção na academia. Além disso, este projeto é uma série para a internet dividida em capítulos que objetivam contar aspectos pessoais, culturais e comerciais do coração da cidade a partir da lente do outro, por meio do trânsito das memórias.

Fora da academia, é relevante mencionar o vídeo "Como é o mercado central de Fortaleza?", de Max Petterson (2024), no qual o ator e humorista passeia e conhece pessoas, comerciantes e coisas regionais pelo Mercado Central da cidade de forma autêntica e humorada. O referido vídeo possui interseção com *Ruas em Memória: o Centro de Fortaleza* ao passo que caminha pelo local e conversa com as pessoas que ali estão presentes, mas a diferença fica no ambiente escolhido uma vez que, apesar de ser no Centro de Fortaleza, o Mercado Central é amplamente voltado para turistas.

Para além disso, ao falar sobre a filmagem vertical em proporção 9:16 no audiovisual, é importante mencionar que o presente produto é uma série de vídeos voltados para as redes sociais, isto é, uma websérie. Um exemplo semelhante ao referido produto é o projeto *Olhares Negros* concebido em formato vertical e veiculado nas mídias digitais de Safira Moreira (2021), a qual escolhe pessoas negras a cada episódio para visitar memórias fotográficas. Assim, *Ruas em Memória* adota o formato de concepção e de organização de *Olhares Negros*, visto que não só visa a veiculação nas plataformas digitais, mas também divide as entrevistas em capítulos, ou neste caso, atos para contar diversas perspectivas sobre um tema central: o Centro de Fortaleza.

4 OBJETIVOS

À luz do estudo da relação entre o caminhar pelo Centro de Fortaleza e o contar histórias por meio de uma filmagem, buscou-se desenvolver um produto audiovisual experimental: vídeos documentais em formato vertical que falam sobre as ruas em memória do centro, por meio da coleta de entrevistas e de relatos cotidianos. Em síntese, espera-se promover e preservar não só o Centro de Fortaleza, mas também as memórias das pessoas por intermédio desta produção audiovisual publicada nas redes sociais, principalmente, o instagram.

4.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo principal a produção de uma série de vídeos para o instagram, contando as histórias e as memórias de pessoas que trabalham ou trabalharam, e também de pessoas que estão caminhando no centro da cidade, a partir de entrevistas baseadas em pesquisa bibliográfica e documental de dados primários. Para tanto, ao caminhar e eventualmente abordar essas pessoas para coletar os relatos e as memórias, busca-se compreender não só a atual vivência dos comerciantes e dos consumidores no bairro, mas também a relação da historicidade da região com base nas memórias coletivas de familiares, de comerciantes e de populares. Além disso, este produto pretende alcançar mais

visibilidade por intermédio das redes sociais com o fito de quebrar o estigma em relação ao abandono total do bairro e, conseqüentemente, apresentar as histórias das pessoas que fazem o Centro ser o Centro. Dessa forma, espera-se contribuir para a sociedade fortalezense de modo a reavivar e a celebrar o Centro de Fortaleza e as memórias que ali habitam.

4.2 Objetivos específicos

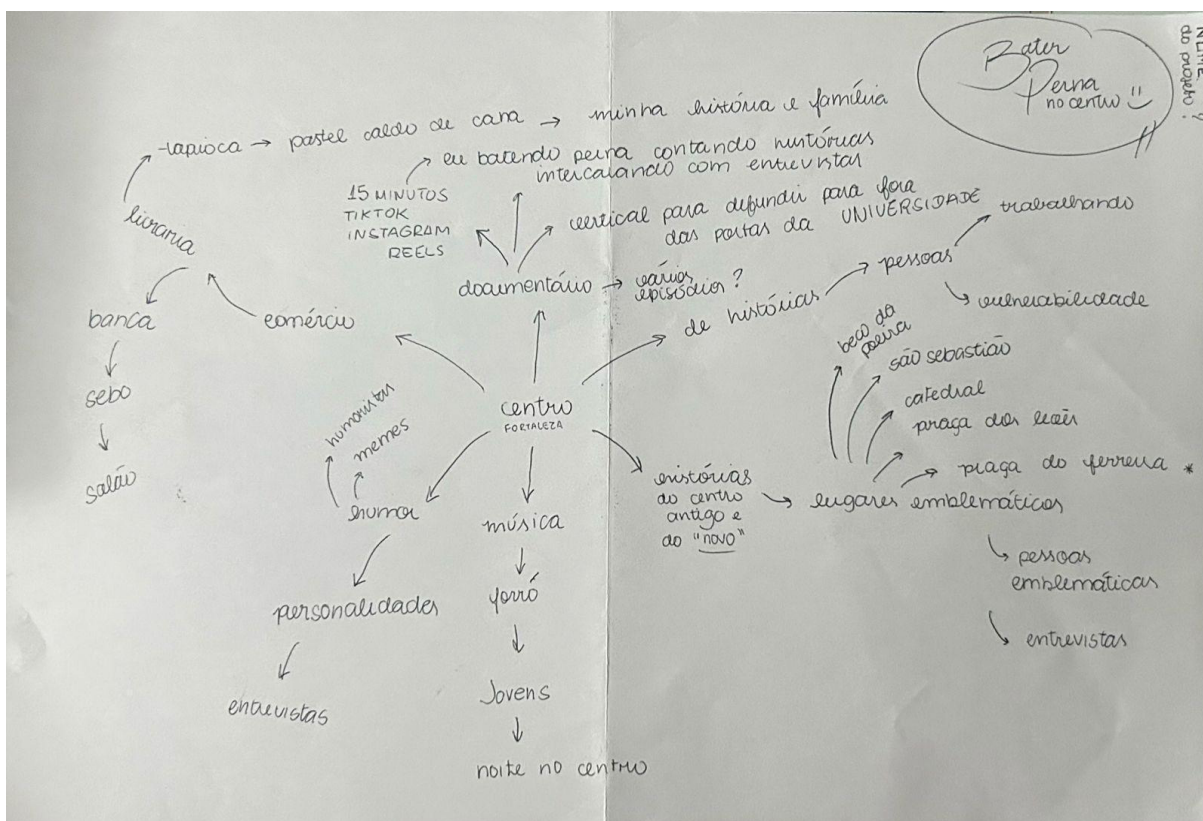
- Fazer um levantamento bibliográfico e documental sobre o Centro de Fortaleza.
- Caminhar pelo Centro de Fortaleza para vivenciar o ambiente e captar novas experiências.
- Escrever os roteiros para a produção audiovisual.
- Procurar os entrevistados para os vídeos de maneira casual.
- Gravar e editar as entrevistas e as captações sobre o Centro de Fortaleza.
- Criar uma identidade visual para o trabalho.
- Escrever o relatório sobre o projeto.

5 METODOLOGIA

Engana-se quem acredita que, para produzir um vídeo em formato vertical sobre uma área de uma grande metrópole, basta tirar o celular do bolso e gravar. Esta é apenas uma das etapas finais de um processo de organização para a realização de um trabalho. Em termos práticos, no que se refere à metodologia de elaboração do trabalho científico, é importante destacar que, para alcançar a criação, foi necessário seguir um cronograma de procedimentos.

Nesse ínterim, em meados de março de 2024, o produto começou a dar os seus primeiros passos. Ainda em fase de *brainstorming*, a minha orientadora Silvia Helena sugeriu que fizesse um mapa mental para visualizar as possibilidades e os caminhos que eu escolheria desbravar. E com o papel e a caneta em mãos, eu escrevi tudo sobre o que eu queria falar sobre o Centro de Fortaleza.

Figura 3 - Mapa Mental



Fonte: Arquivo Pessoal produzido em orientação com Silvia Helena Belmino.

A partir dessas motivações, foi realizada uma pesquisa de referenciais bibliográficos dentro e fora da academia, com a finalidade de gerar um embasamento para a elaboração do relatório e do produto audiovisual. Dessa forma, o produto é uma pesquisa bibliográfica e documental de dados primários com uma metodologia qualitativa, com ênfase na coleta de histórias orais e memórias de pessoas que possuem um vínculo com o centro da cidade por meio de um encontro eventual.

Em seguida, desenvolvi um roteiro com perguntas para saber as memórias e as histórias dos entrevistados, para assim saber a relação deles com o Centro de Fortaleza. Após o período de imersão bibliográfica, foi realizada uma observação participante, na qual fui ao campo — ou melhor, ao Centro — aprofundando-me na história, na cultura e no cotidiano da região, assim, realizei o ato de caminhar buscando por pessoas, histórias e memórias de quem ali passa. Logo, o processo teve início com o estudo das referências, seguido pelas caminhadas ocasionais pela região, observando o comportamento e o cotidiano, enquanto realizo registros audiovisuais. Por fim, utilizei equipamentos de gravação, como câmera, microfone e

tripé, e *software* de edição de vídeos para transformar o material capturado das entrevistas e das paisagens em vídeos que formaram a WebSérie.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1 Memórias

Em um primeiro momento, ao falar sobre memória, foi instantânea a conexão com a música “Fora da Memória” cantada pela Marisa Monte (2017) no grupo musical “Tribalistas” composto por Marisa Monte, Arnaldo Antunes e Carlinhos Brown. A faixa do álbum homônimo do ano de 2017 criou a atmosfera perfeita para o projeto, inclusive, por conta disso, estará não só na citação de abertura deste relatório, mas também dos atos audiovisuais, estes mais adiante explicados no tópico de edição.

A música me guiou para entender alguns elementos sobre a memória, o passado, o agora e o que está por vir. É isto que eu quero representar, colocar essas memórias para fora ao contar as histórias de pessoas que trabalhavam, ou ainda trabalham ou passam pelo bairro.

A principal motivação para a produção deste estudo surgiu da vontade de celebrar a história comercial do centro e da minha família que tinha comércios no local. A partir das memórias e nostalgias familiares, a pesquisa justifica-se ao enfatizar a relevância da localidade central de Fortaleza em um marco temporal e memorial. Para atingir esse objetivo, é importante compreender conceitos fundamentais sobre contemplação, memória e a história dos centros urbanos, especialmente no que diz respeito ao centro da capital do Ceará.

Por conta disso, ao falar sobre memórias, pessoas e cidades, é possível afirmar que: “Mesmo as nossas lembranças coletivas nos são lembradas pelos outros, porque, na realidade, nunca estamos sós. Temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.” (Costa e Belmino, 2019, p. 79).

A fim de conhecer as ruas em memória do Centro, é preciso fazer considerações sobre a memória coletiva conceituada por Maurice Halbwachs em *A Memória Coletiva* (1968) e aos pensamentos de Jacques Le Goff (1994) e de Gondar (2008). Halbwachs (1968) explicita que, para conhecer um espaço onde se

constroem e mantêm memórias coletivas, é necessário entender a memória coletiva e a história:

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. Se não fosse assim, teríamos nós o direito de falar em memória, e que serviço poderiam nos prestar quadros que subsistiram apenas em estado de informações históricas, impessoais e despojadas? (Halbwachs, 1968, p. 67).

A partir da indagação final proposta pelo autor acima referido, pode-se entender que o passado faz parte da história, esta, por sua vez, não se esvazia nem se limita ao passado. Muito pelo contrário, a história é viva e ciclicamente renova-se. Sem a renovação, ou melhor, sem história não existiria memória.

Em adição, para Jacques Le Goff (1994), a memória é a capacidade de guardar determinadas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas.

À luz da provocação da citação antecedente, torna-se interessante analisar como uma lembrança pode ser passada para as próximas gerações, visto que a memória é a qualidade de preservar o conhecimento. Então, não há maneira mais eficaz de tornar uma história viva e perpetuar uma memória do que passando as informações para mais gente, assim, para tornar o Centro de Fortaleza ainda mais vivo é preciso contar suas histórias de modo a reavivar mais lembranças de outras pessoas em relação ao espaço.

Gondar (2008) acrescenta ainda que a relação e a diferença entre as ramificações de uma memória: a individual, a coletiva e a social. Nesse viés, o autor corrobora a visão de que as memórias estão diretamente ligadas aos sujeitos sociais:

Desse modo, a história de um sujeito, individual ou coletiva, pode ser a história dos diferentes sentidos que emergem em suas relações. Ou, de outro modo: abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem tanto para os sujeitos individuais quanto para os coletivos –já que todos eles são sujeitos sociais. A polissemia da memória, que poderia ser seu ponto falho, é justamente a sua riqueza. (Gondar, 2008, p.5).

A memória também é um patrimônio. Ela deve ser preservada para que se mantenha viva para as futuras gerações. Logo, é imprescindível combater o apagamento de memórias e de patrimônios históricos. Ferreira (2020) descreve a relação dos patrimônios históricos das cidades e a importância de se conhecer os becos das memórias, como a construção e os eventos que transformaram a configuração de uma localidade brasileira. "Tem-se, pois, que o patrimônio cultural — material e imaterial — é obra da humanidade e a ela pertence." (Ferreira, 2020, p. 5). Destarte, tendo conhecimento de que o Centro de Fortaleza é esse espaço plural que ao mesmo tempo que abriga patrimônios culturais, materiais e imateriais, o bairro tesouro de histórias e de memórias, sendo amplamente conhecido pelo seu movimento de gente, se cria a partir das pessoas que ali habitam, transitam e comercializam.

6.2 Caminhar e documentar

Percorrer as redondezas do Centro da capital cearense não se resume apenas a “bater perna” pelos caminhos históricos e memoráveis, tanto pessoais quanto coletivos, mas também a vivenciar a configuração contemporânea do tecido urbano. Portanto, o tema se relaciona com a etnografia e a natureza do espaço, das memórias, do caminhar e do observar. Esses eixos temáticos visam guiar e orientar o olhar de quem, a princípio, pode deixar passar despercebido cantos da história.

Para caminhar pelo centro a partir da perspectiva do outro, é preciso descarregar conceitos pré-concebidos. Este eixo temático se baseia nas obras de Gorczewski *et al.* (2023) e Sarah Pink (2008), que abordam o ato de caminhar, ver e ouvir os sons como uma forma de proporcionar experiências e o conhecimento de uma determinada localidade, conhecendo seu funcionamento durante as travessias que são permeadas por afetos e afecções.

Nesse contexto, ao falar sobre o Ceará e sobre uma cidade, isto é, uma cearensidade, é importante mencionar que o Centro de Fortaleza é tido como um ponto especial para caminhar e realizar compras, ou melhor, “bater perna”. Tal dizer popular brasileiro é explicado na obra *Caminhar com as cidades: estranhar, conversar e conviver* de Gorczewski *et al.* (2023), destaca-se a expressão “Bó”, seguida de caminhar, ou neste caso, “bater perna”, como explicada no seguinte relato trazido no referido texto:

[...] "Bó" é uma corruptela de Vamos embora - Vambora - Simbora - Rumbora - Bora - Bó! é um convite à coletivização, dito no falar local. Bó! Vamos todos, alguns, muitos, poucos, nunca um só. Bó! é um convite às Fortalezas de cada um intimamente e de todos, coletivamente. Quem aceita o convite parte do desejo de conhecer e de inventar. (Trecho do Relato. João Miguel Lima, 20 out.2015).

Saindo de termos populares brasileiros que se referem a andanças e indo ao Reino Unido, Pink (2008) observa e fotografa o local, buscando entender os fenômeno *Slow City* e os comportamentos urbanos a partir da etnografia. Pink (2008) imergiu em uma localidade para entender o mecanismo, isto é, o funcionamento, andando, contemplando, conversando, ouvindo e até mesmo comendo. E por falar em observar e realizar a captação urbana, o presente trabalho advém da mesma vontade, uma vez que busca visualizar os modos de trocas, de comércio e de trânsito de pessoas que cruzam o Centro de Fortaleza.

6.3 O centro da cidade de Fortaleza

É curioso pensar que no centro existem muitas ruas específicas que são destinadas quase que exclusivamente para um tipo de comércio, há aquelas que só têm eletrônicos, óticas ou tecidos... Tudo e mais um pouco cabem no centro. É tanta coisa que a gente até se perde. Mas para começar a entender o bairro, é preciso saber algumas características socioespaciais.

Com efeito, de acordo com a Secretaria Regional da Prefeitura de Fortaleza (2025), o Centro de Fortaleza compõe a Regional 12 da cidade junto com outros bairros. Ainda em conformidade com a entidade pública, acrescenta-se que:

O Centro é a área de Fortaleza que mais concentra espaços públicos com valor histórico e cultural, como praças, parques, calçadas e largos, tendo entre eles vários patrimônios tombados nas esferas municipal, estadual e federal. É uma região de grande fluxo de pessoas de forma sazonal devido ao alto potencial comercial e de diversas outras atividades (culturais, de lazer, educacionais e institucionais). Também se caracteriza como pólo de atração turística e, conseqüentemente, econômica, fomentando oportunidade de emprego e renda para toda a população do estado do Ceará. (Prefeitura de Fortaleza, 2025).

Ressalta-se, além disso, que ao estudar sobre a historicidade do Centro de Fortaleza, o projeto “121- Fortaleza em Bairros” do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza (Ipplan, 2025)¹ traz um repertório interessante de dados históricos, demográficos e cartográficos do centro e dos outros bairros das terras alencarinhas. O referido projeto explica a formação e a configuração do bairro:

O Centro de Fortaleza remonta a meados do século XVI, com a ocupação holandesa e a fundação do Forte de Schoonemborch, por Matias Beck. Quando os portugueses retomaram o controle do território, a estrutura passou a se chamar Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, dando origem à vila ao redor do que hoje é conhecida como a 10^a Região Militar, nas imediações da Catedral da Cidade. O bairro é um marco histórico de surgimento da metrópole, já que congrega equipamentos governamentais, religiosos, de lazer e de entretenimento. As primeiras obras de destaque da verticalização ficaram, em geral, para o uso comercial no Centro: o prédio dos Correios e Telégrafos, em 1934; o Edifício Parente, em 1936; o Edifício Carneiro, em 1938; o Cine Diogo, em 1940; e o Edifício Prudência, em 1947. É no Centro que estão alguns dos principais pontos turísticos de Fortaleza, como a praça do Ferreira e dos Mártires (Passeio Público), além do Paço Municipal. (De Pesquisa E Planejamento De Fortaleza (Ipplan, 2025).

¹ O Instituto de Pesquisa e Planejamento de Fortaleza (Ipplan Fortaleza) é uma repartição pública voltada para a criação de projetos e de políticas públicas voltados para o desenvolvimento urbano sustentável, o combate à desigualdade e o combate aos problemas urbanos da cidade para alcançar a equidade social. Criação do Ipplan, 121 - Fortaleza em Bairros é uma plataforma de acesso público, com informações confiáveis, uniformes e acessíveis sobre os 121 bairros da capital cearense. Seu objetivo é aproximar a população da leitura da cidade na escala humana e comunitária, a partir de dados e cartografias úteis para o dia a dia do cidadão. Disponível em:

Figura 4 - Mapa do Centro de Fortaleza.



Fonte: <<https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/bairro/centro>> Acesso em: 10 fev. 2025.

Existe uma diversidade de análises e estudos voltados ao centro a partir da Arquitetura, da Geografia, das Ciências Sociais e da História, os quais relatam as transformações entre o passado e o atual estado do coração da cidade, sob o ponto de vista principalmente dos patrimônios históricos, culturais e comerciais ali presentes.

Dessa forma, ao traçar um paralelo com os séculos passados, entende-se que o centro era, de fato, um epicentro de novidades e de revoluções por ser frequentado, em sua maioria, por uma elite fortalezense, o que, hodiernamente, não acontece mais, restando só memórias do passado. Como coloca Francisco Fernandes:

No centro de hoje a presença mais marcante, objetiva e concreta, em termos espaciais, é a do próprio passado, com toda a carga que, enquanto permanência, nos reforça a memória, a pertença e o patrimônio material e imaterial; mas que também o imobiliza, dificultando ou impedindo-o de configurar-se como espaço que se integre – ou reintegre – à tessitura urbana e social da cidade e àqueles fluxos heterogêneos que, no passado, o abandonaram. (Fernandes, 2004, p.28).

A prática de “bater perna” no Centro de Fortaleza já não é mais tão popular para uma parcela da população. Muitos comerciantes ainda resistem, assim como consumidores assíduos que frequentam o bairro sempre que precisam de algo,

sustentados pela ideia de que o centro oferece tudo que as pessoas precisam ou procuram.

O centro é um bairro com histórias marcantes e engraçadas que habitam o imaginário popular do cearense. Belmino (2018) em sua obra sobre a propaganda turística do Ceará, traz as perspectivas dos autores Aderaldo (1989), Carvalho (1983) e Galeno (2000), sobre um acontecimento central ilustre: o dia em que vaiaram o sol na Praça do Ferreira. O fato ocorreu após um período de chuva, o sol retornou com o seu calor costumeiro e provocou a vaia cearense de pessoas que passavam pelo Centro de Fortaleza.

Segundo Bernal (2005), a partir dos anos 1990, a globalização e a abertura comercial intensificaram as transformações comerciais e urbanas, com a instalação de grandes empreendimentos hoteleiros e shoppings centers. Esses novos equipamentos, concentrados principalmente na orla marítima e nas regiões "nobres" da cidade, fortaleceram o comércio de luxo e atraíram grandes investimentos. Assim, surgia em Fortaleza uma nova centralidade, carregada de glamour, mas também não só de desigualdade socioeconômica, mas também uma tentativa de apagamento histórico.

Nessa perspectiva, Bernal (2005) observou, concomitantemente a esse processo de modernização, o esvaziamento do centro histórico, com a perda de atividades comerciais e o declínio populacional. Soma-se a isso a ausência de um planejamento urbano alinhado às perspectivas socioculturais, permitindo que o mercado imobiliário e os grandes empresários moldassem os rumos da expansão urbana, priorizando áreas nobres e gerando especulação imobiliária.

Por conseguinte, a dinâmica desigual de desenvolvimento urbano resultou em uma cidade fragmentada, com áreas altamente valorizadas contrastando com periferias carentes. A especulação imobiliária, incentivada pelo poder público, contribuiu para a expulsão das populações de baixa renda para áreas mais distantes, agravando as desigualdades sociais e espaciais.

Embora o centro não tenha sido totalmente esquecido por várias pessoas, ele assumiu uma nova posição para uma parte da cidade. Mesmo com tentativas de apagá-lo, o centro comercial e cultural da cidade resiste, carregando uma carga histórica única, que ainda atrai muitos trabalhadores, consumidores e turistas.

Além disso, as classes mais populares começaram a vivenciar o centro e transformá-lo em seu ponto central de afeto, de comércio, de lazer e de cultura,

fazendo com que a antiquada elite ache que o centro está abandonado. Torna-se relevante destacar que o abandono dessa parte central não substantiva apenas os comércios e as memórias, mas também as pessoas que fazem das ruas do centro sua moradia e carecem de atenção e de cuidado. É curioso pensar que muitos da geração à qual pertencem nunca frequentaram o local e desconhecem a sua importância histórica com a visão errônea de que é um bairro pobre, sujo, nada tendo de atrativo que desperte seu interesse.

Entretanto existe um contraponto, pois quando falamos em turismo, o centro é uma rota obrigatória, a visita ao Mercado Central, para compra de produtos regionais, visitar o Mercado São Sebastião para apreciar uma panelada no café da manhã, comer um pastel de carne com azeitona com caroço e o tradicional caldo de cana da pastelaria Leão do Sul, conhecer as praças do Ferreira, José de Alencar, da Estação das Artes... Para muitas pessoas o Centro de Fortaleza continua fazendo parte do cotidiano seja para o comércio, turismo, história, cultura ou para o lazer.

Vasconcelos (2008) corrobora a visão da importância orgânica e vital dos centros urbanos no seguinte excerto da sua dissertação de mestrado em sociologia:

O que faz pulsar as cidades? O que é o seu coração? Para onde convergem os sentidos de uma urbanidade? [...] Quando penso nestas questões é quase impossível não remeter à imagem dos núcleos formadores das cidades, dos centros históricos, os quais contam os percalços da construção de cada núcleo urbano. É no centro que é possível auscultar a pulsação da cidade, é do centro que podemos contemplar a abrangência do tecido urbano, enfim, é a porta de entrada para se conhecer a história de cada aglomerado humano. (Vasconcelos, 2008, p.1).

Os autores Vasconcelos (2008) e Bernal (2005), citados anteriormente, abordam a visão de um centro desamparado pelo poder público e por parte da população, sobretudo no que tange à reabilitação urbana. Essas produções se concentram no abandono material e na necessidade de transformação da área central.

A celebração da ocupação cultural e social do Centro de Fortaleza é a premissa de *Viva o Centro Fortaleza: um estudo sobre a ocupação dos espaços públicos da cidade de Fortaleza e seus desdobramentos culturais*, de Bárbara George e Silva (2016). Os autores destacam que vivenciar e habitar a cidade é uma via de mão dupla ao passo que fazem um convite:

É tempo de viver a cidade, refinar o olhar e passar a observar mais a paisagem, os atos e os gestos do cotidiano. Na cidade, habitam

individualismos e coletivismos, é lugar de passagem, mas também de parada. É construída pelas teias e enlaces de várias histórias que a tomam de vida e a constroem no campo da afetividade. (George; Silva, 2016, p.2).

À luz dessas considerações, a citação anterior motiva e engaja a produção do presente trabalho, com o objetivo de viver a cidade, isto é, vivenciar e documentar o coração da cidade por meio das memórias e das histórias de quem ali circula, perpassando e convidando à construção de teias e enlaces que constroem o campo da afetividade.

6.4 Documentar em capítulos para a internet: uma websérie

Em primeiro momento, quando idealizei o projeto ao lado da minha orientadora Silvia Helena Belmino, chegamos a conclusão de mostrar as diferentes histórias que habitam o Centro de Fortaleza. Mas de que maneira? Mediante a gravação de um documentário. Porém, após realizar as gravações percebi que, de fato, não se tratava apenas de documentar o bairro, mas sim de uma WebSérie para as plataformas sociais, tendo em vista que as captações em formato vertical e as entrevistas foram divididas e desdobradas em 9 atos seriados.

Assim, Altafini e Gamo (2010) definem as WebSéries:

O objetivo específico deste artigo é refletir, a partir do conceito de narrativa transmidiática, sobre projetos de ficção audiovisual seriada nos quais a proposta original é a veiculação via internet. São as chamadas web-séries. [...] Trata-se de produções audiovisuais que já em suas concepções negligenciam os meios tradicionais de exibição e estimulam desdobramentos transmidiáticos. (Altafini e Gamo, 2010, p.48).

Dessa maneira, a obra audiovisual *Ruas em Memória* caracteriza-se como uma WebSérie de 9 atos, com capítulos variando de 1 a 7 minutos com o intuito de veicular nas populares redes sociais de consumo de mídia vertical para que mais pessoas sejam alcançadas pelo projeto, como o TikTok e, sobretudo, o recurso Reels do Instagram. A título de exemplo, de acordo com as próprias diretrizes da comunidade e nas ferramentas de criação do Tiktok (2020), os vídeos que você publica na rede podem ter até 60 minutos de duração.

Logo, com o objetivo de deixar os vídeos mais dinâmicos e ao mesmo tempo que todos os atos façam parte de algo maior e unificado, busquei criar elementos

que tornassem o *Ruas em Memória* algo concreto do ponto de vista gráfico e visual. Por isso, no próximo tópico surgem os elementos do projeto gráfico.

7 ELEMENTOS DO PROJETO GRÁFICO

7.1 Identidade visual

Em uma sociedade imagética na qual as pessoas valorizam tanto imagens e vídeos, construir uma estética sólida para as redes sociais é imprescindível para despertar a atenção e diferenciar-se das infinidades de conteúdos e de estímulos. Teixeira *et al.* (2012) define a identidade visual como:

Uma identidade visual reúne toda a referência visual que leva a identificar uma empresa ou produto vinculando-os em suas diversas variações. Reúne também as informações visuais como os logotipos, os símbolos, as cores, os tipos, as disposições e os arranjos gráficos que devem sempre se manter dentro de um padrão para estabelecer a consolidação de uma marca e de seu produto. (Teixeira *et al.*, 2012, p.2).

A produção de uma identidade visual deve traduzir os valores e as missões de uma marca e no caso de *Ruas em Memória* não seria diferente. Dessa forma, o logotipo do produto carrega consigo os ideais de história, da cidade, de memória e de pluralidade, compreendendo elementos posteriormente detalhados, respectivamente: logotipo, tipografia e as cores.

7.2 Logotipo e tipografia

No que concerne à identidade visual de *Ruas em Memória*, o primeiro aspecto a ser percebido são as misturas tipográficas do logotipo. Logo, as famílias tipográficas utilizadas para compor o logotipo remetem à máquina de escrever e à colagem de jornal.

Nesse contexto ligado à tipografia e ao logotipo, tais atributos são essenciais para transmitir ao espectador os sentimentos ligados à coletividade de memória e de passado com o teor histórico que o centro carrega. Com essa motivação surge a marca de *Ruas em Memória*.

Figura 5 - Logotipo.



Fonte: Imagem gerada pelo autor deste projeto com o uso do Canva.

A palavra "MEMÓRIA" utiliza a fonte "Drunken Hour" em corpo 154 pt para garantir o destaque para a palavra chave, esta família tipográfica mescla diferentes estilos tipográficos com serifa, remetendo à estética de recortes de jornais ou cartazes antigos. A escolha de uma composição tipográfica variada corrobora tanto a ideia de pluralidade de perspectivas quanto a reconstrução de memórias coletivas, traçando um liame direto com o conceito de história, comércio e resgate cultural do bairro.

Com efeito, a configuração de letras em seus diversos tamanhos, formas e estilos tipográficos cria um contraste visual único, enquanto as letras levemente desalinhadas sugerem a multiplicidade e o dinamismo das narrativas históricas que compõem a identidade do Centro de Fortaleza.

Ressalta-se, ademais, que os textos complementares, tais como "RUAS EM" e "CENTRO DE FORTALEZA" e ",2025." caracterizam-se como uma tipografia mais regular e com serifa como referência ao estilo máquina de escrever em corpo 42 pt, intitulada de "True Typewriter". Esta fonte escolhida transmite seriedade e funcionalidade, ao mesmo tempo que desperta uma nostalgia do passado. Em síntese, tais escolhas proporcionam o equilíbrio do conjunto visual e fornecem um contexto claro sem competir com o destaque central. A segunda fonte é usada nas cartelas dos vídeos com as perguntas.

7.3 Cores

É interessante abordar que, durante o processo final das entrevistas, indago os entrevistados: na sua visão, qual cor melhor representa a região central Fortaleza? Diversas foram as respostas, mas as respostas das minhas tias avós e da professora Sílvia Helena marcaram e delimitaram o escopo cromático: vermelho é a cor do centro.

A partir das ideias de Pocinho e Garcês (2018), e no que diz respeito à psicologia das cores, tem-se que o vermelho é emocional e simbólico uma vez que despertam a atenção e carrega consigo ideias de tradição, de energia, de paixão e de calor, este último propriamente típico do Centro de Fortaleza. No que diz respeito aos aspectos ligados à colorimetria, o fundo vermelho é o principal elemento de impacto visual. Já a tipografia branca cria um contraste direto com o fundo vermelho, garantindo legibilidade e reforçando a clareza da mensagem. Portanto, o logotipo de *Ruas em Memória* comunica com eficácia a proposta de resgate histórico e cultural, utilizando recursos tipográficos e cromáticos que se complementam para transmitir significado e impacto visual.

8 PRODUÇÃO

A produção de *Ruas em Memória* está dividida em seus nove atos. A priori, os vídeos originais produzidos estão disponibilizados na seguinte pasta do Drive: <https://drive.google.com/drive/folders/1-UqM-ihs7HOds5W9rXtCh-CDKtelrgyd?usp=sharing>. Para, após a deliberação sobre a produção e a aprovação da banca, serem postados em minhas redes sociais pessoais, no Instagram e no TikTok. É importante acrescentar que, para prevenir problemas com direitos autorais com a versão oficial dos instrumentais utilizados, resolvi criar uma opção alternativa com outra trilha sonora, um forró que é de livre circulação e sem direitos autorais. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1xVEKso_SwS2N3X-rqXu0lbgQ47ZzyaT9?usp=sharing.

8.1 Roteirização

Adotei uma organização e uma linguagem descontraída para a roteirização dos nove atos, assim chamados pelo tom de ser uma divisão de momentos contadas em capítulos – buscando ao mesmo tempo gerar lembranças de memórias de quem assiste os vídeos, fazendo com que eles se sintam convidados a lembrar, como "eu conheço este lugar", "já passei por essa mesma situação" e "lembrei de uma história" – mas que ainda assim proporcionam uma nova visão, ou melhor, celebram uma memória.

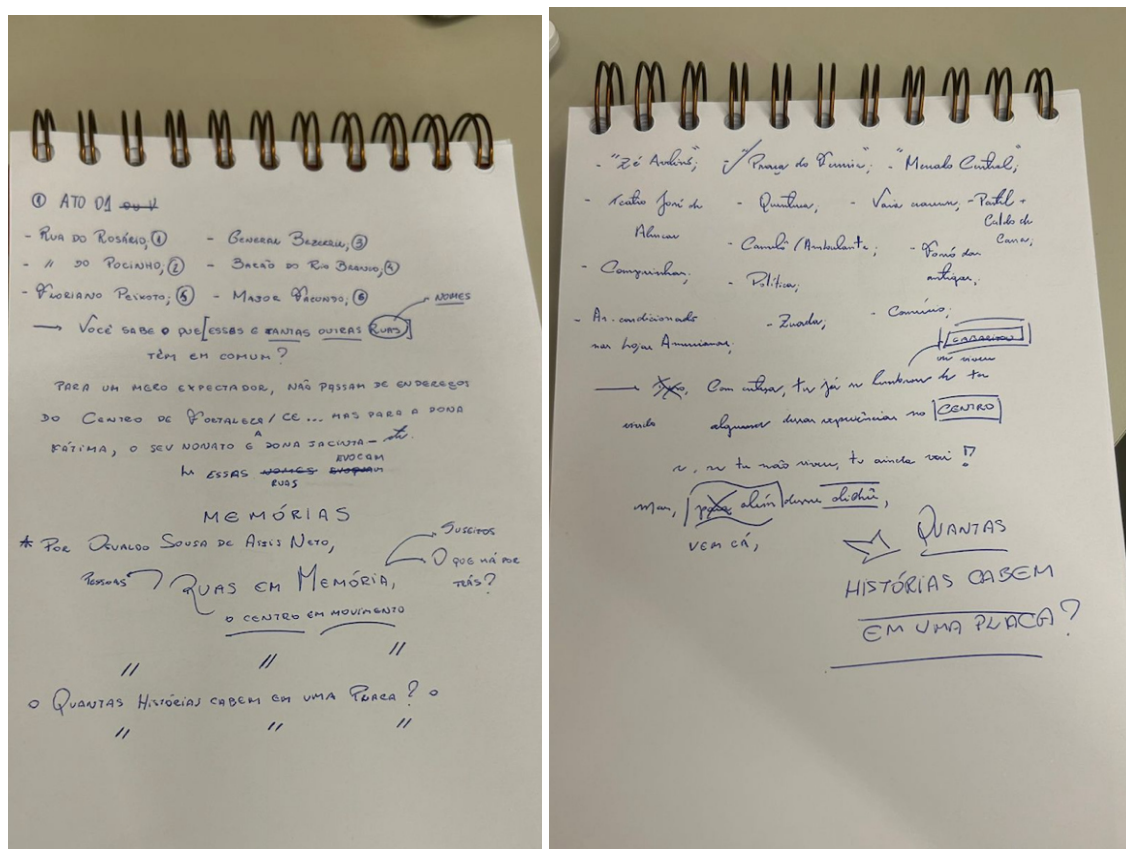
Com efeito, o roteiro de abertura para o primeiro ato foi pensando para dividir-se em dois momentos visando retratar e passear pelo imaginário já amplamente conhecido – mostrando e narrando com um tom humorístico cearense os patrimônios históricos e culturais, pontos turísticos e outras características calorosas e marcantes que representam o Centro de Fortaleza na voz de Vitória Marques.

Na outra metade do primeiro ato, ocorre uma quebra dessa narração mais engraçada que dá lugar para um clima narrativo mais explicativo. Esse segundo momento de fala, narrado por mim, explica e introduz, de fato, o projeto, explicitando que o centro é feito, principalmente, de gente e, é essa gente que carrega histórias e memórias.

Neste primeiro ato, coloco também um gancho que arremata e apresenta uma pergunta que norteará os atos seguintes: quantas histórias e memórias cabem em uma placa? Referenciando algumas placas de ruas do bairro para conectar-se com o propósito de *Ruas em Memória: Centro de Fortaleza*, além de referenciar o início do capítulo introdutório deste relatório que começa da mesma maneira – nomeando ruas.

Nos atos subsequentes vamos conhecer as histórias de pessoas que passam pelo local, por isso reitero neste primeiro ato que o centro é feito de pessoas e de inúmeras histórias e memórias que estão esperando para serem contadas. Logo, o ato finda ao mostrar os pequenos pedaços dos vídeos e citando o nome dos entrevistados.

Figura 6 - Roteiro Ato I



Fonte: Fotografia de anotação feita pelo autor com a câmera do celular Iphone 14.

Nos atos seguintes, por serem episódios em que ocorrem as entrevistas, para delimitar não só o escopo, mas também para seguir uma linha de raciocínio, foi preciso definir as mesmas dez perguntas para realizar com os entrevistados. Início as entrevistas com uma apresentação inicial, perguntando o nome e a profissão. Secundariamente, pergunto quando e como foi o primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza? Depois, qual motivo fazia ou faz a pessoa vir ao centro.

Após, indago como era o movimento do centro antigamente? E como o entrevistado percebe o movimento das hoje? Em alguns momentos, questiono como a pessoa percebe não só o comércio, mas também a cultura do centro. Em caso de comerciantes, pergunto se eles tivessem que abrir um novo comércio ou trabalhar em outro local hoje, ainda escolheriam o centro? Quando são pessoas consumidoras, reformulo a pergunta para se elas ainda escolheriam fazer as compras no centro. Para conhecer mais as memórias pessoais procuro saber se o entrevistado tem alguma memória marcante ou uma história engraçada que envolve

o centro. Sigo perguntando uma curiosidade para o entrevistado em sua opinião dizer uma coisa que só tem no centro. Finalizo as perguntas de maneira descontraída, em forma de bate bola jogo rápido, perguntando, respectivamente, uma cor que representa o centro, um canto preferido do bairro e, por fim, uma rua do centro.

A partir da padronização dessas perguntas a serem feitas durante as entrevistas espera-se passear e conhecer os pensamentos dos entrevistados acerca do bairro de uma maneira natural, descontraída e dinâmica, mas ao mesmo tempo informativa, sabendo do primeiro contato com o centro e as suas percepções atuais.

Como observado, as perguntas trazem a ideia de passado e presente, perguntando como o movimento era quando as pessoas tiveram seu primeiro contato com o centro e como elas percebem hoje, por exemplo. Além disso, no final, faço um jogo rápido para justamente criar um gancho com o nome do projeto que carrega o substantivo “rua”. Os atos dois, três, quatro, cinco, seis, sete e oito seguem essa mesma linha de raciocínio e de roteirização e sem um narrador conduzindo todo o momento, este aparece apenas em alguns momentos para provocar o entrevistado e dar destaque aos seus pensamentos e as suas palavras sobre o Centro. Nesses atos, os protagonistas são as pessoas entrevistadas.

Com efeito, no ato nove, que fecha a série, eu retorno enquanto narrador para falar sobre as minhas conclusões e os resultados alcançados durante as entrevistas. Concluindo com uma reflexão de que o centro é gente. E de movimento e de gente, o centro entende. Logo, cada rua guarda uma história que sobrevive ao tempo e está esperando para desbravar as ruas em memória.

8.2 Formato e gravação

Para justificar e embasar a escolha de realizar as captações em formato vertical 9:16 em detrimento da orientação de proporção de paisagem 16:9, recorri à um artigo sobre a verticalização de conteúdo produzido pela Creative (2023), no qual explica que os vídeos em formato vertical são as tendências de viralização, pois efetivamente capturam a atenção da audiência. Essa forma de predileção por conteúdos gravados em formato vertical se deve ao fato de que a maioria das pessoas está consumindo conteúdos usando os celulares, ou seja, produzir vídeos

em formato vertical torna mais fácil que um conteúdo sobre o bairro central seja entregue para mais pessoas e, conseqüentemente, consiga uma maior visibilidade.

Sobre as questões relacionadas às captações de imagem e de vídeo, todas gravações foram realizadas com um Apple Iphone 14, meu dispositivo mobile, o que torna fácil de realizar vídeos e entregar bons recursos e resultados visuais. Neste aparelho, de acordo com Apple (2022), a câmera possui 12MP com uma abertura focal de $f/1.9$ com foco automático, o que garante uma filmagem em resolução 4K com 24 quadros por segundo. A portabilidade e a rapidez de captação e de edição foram os atributos de escolha do aparelho para o presente projeto.

Assim, decidi filmar a partir do meu ponto de vista, mas contando a história de outras pessoas. Por conta disso, a câmera encontra-se em todos os momentos estabilizada em um único ponto, permitindo assim sentir e assistir o movimento do centro como um espectador parado.

Os dias de gravação foram fracionados, ao decorrer da minha imersão no caminhar no centro, fui registrando durante esses passeios despreziosos as ruas, os momentos aleatórios, pessoas, monumentos e a vida acontecendo. De setembro de 2024 até fevereiro de 2025, eu visitei regularmente o bairro para fazer as captações de movimento urbano para entender a configuração socioespacial e abordar as pessoas para realizar as entrevistas.

Ademais, sobre a ambientação e a cenografia das gravações de 8 dos 9 atos foram realizadas em campo: nas próprias ruas e comércios do Centro de Fortaleza. O primeiro ato passeia por pontos importantes do bairro, como a Praça do Ferreira e o Teatro José de Alencar, e por outros cantos importantes. Enquanto as demais entrevistas o cenário se constrói a partir da minha abordagem convidando as pessoas no meio da rua para participar da gravação.

Sobre as entrevistas, é importante salientar que todas elas foram feitas de acordo com a ética publicitária e jurídica, com uma postura ativa de escuta e linguagem acessível ao apresentar o projeto. Também se torna importante falar que todas as entrevistas, com a exceção das minhas tias avós, foram realizadas a partir de abordagens espontâneas no meio da rua, em que eu explicava o projeto e apresentava as perguntas a serem feitas e um documento sobre os direitos de imagem cedidos para os entrevistados assinarem.

Surgem nossos protagonistas, aqueles que deram as vozes para as suas vivências e colocaram as memórias para fora: Kauã Teixeira, Jailson Monte, Ana

Karoline, Raquel Ferreira, Raimundo Nonato, Emanuela e Ricardo e, por fim, Jacinta e Fátima, minhas tias avós.

Figura 7 - Entrevistados



Fonte: Imagem gerada pelo autor deste projeto com o uso do Canva.

Figura 8 - Entrevistados



Fonte: Imagem gerada pelo autor deste projeto com o uso do Canva.

A organização dos capítulos advém da ordem dos encontros, segundo ato é protagonizado por Raimundo Nonato, que é artesão e tecelão de redes. No terceiro ato, entrevistei Raquel, que trabalha como vendedora no famigerado Raimundo dos Queijos, os dois fazem da mesma rua o seu ganha-pão: a Rua General Bezerril. O quarto ato foi com Kauã Teixeira, estudante e frequentador do centro desde criança na Praça do Ferreira, o quinto ato com Ana Karoline, dentista e consumidora ativa

do centro, na Rua Barão do Rio Branco. Seguido pelo sexto ato com Jailson Monte, vendedor de doces em situação de vulnerabilidade que apareceu curioso durante a gravação com Karoline.

Logo após, o sétimo ato com Ricardo e Emanuela ocorreu em um ponto do calçadão da C. Rolim que desemboca na Rua Sena Madureira e na Rua Do Pocinho. Por fim, o oitavo, mas não menos importante, foi com minhas tias avós Jacinta e Fátima, que são comerciantes do ramo de livraria e que trabalhavam no centro, sendo este ato o único realizado fora do circuito central por questões de logística e de saúde. Finalizo o projeto com o ato nove com as conclusões e as experiências adquiridas. Todos os atos somados totalizaram aproximadamente 30 minutos de duração.

8.3 Edição

No que diz respeito a edição, é necessário, a priori, salientar que todos os vídeos brutos de cada capítulo foram exportados e editados na ferramenta de *software* CapCut. Em primeiro momento, o ato de abertura foi desenvolvido com a intenção de começar em um ritmo mais acelerado e animado, por isso, é notória a divisão das duas narrações com os vídeos, a trilha sonora e os cortes.

Enquanto o primeiro momento é mais acelerado e repleto de referências populares, o segundo é mais observador e contemplativo com *takes* mais espaçados e captando as placas, o acontecer dos movimentos nas ruas. Esta etapa final do primeiro ato já dita a modulação da edição dos atos seguintes. No encerramento do ato introdutório, há a acreditação do trabalho, aparecendo a realização, a orientação, a direção, o roteiro, a edição e a trilha sonora. Acaba com um gancho de “continua” e finda com o logotipo do projeto.

Nas próximas partes, por seguirem o mesmo estilo de roteiros baseados em perguntas estilo entrevistas, começo com os clipes de respiro com *takes* da área central para contextualizar e ambientar o clima do local, para depois disso, aparecer a entrevista em si. Finalizando com um continua e o logotipo do projeto.

Para deixar evidente que todas as partes compõem uma unicidade do projeto, foi necessário padronizar a quantidade de vídeos de respiro que introduzem a entrevista e os títulos de abertura com a identidade visual do *Ruas em Memória* e a sonoridade de “Fora da Memória” dos Tribalistas para garantir a continuidade dos

atos da WebSérie. Vale pontuar também que todas as entrevistas são permeadas por telas congeladas que trazem na tela, em tipografia máquina de escrever, as perguntas feitas pelo entrevistador. Desse modo, realizei edições simples pontuais de modo a garantir a fluidez e a leveza da entrevista com uso de recursos para melhorar e filtrar a imagem e o som. E por falar em sonoridade, é interessante entender que o centro é um espaço de “zuada” que muitas vezes participa como coadjuvante nos atos, assim, por muitas vezes, para além das vozes, há também a invasão de barulhos imprevisíveis que compõem a sonoridade central.

Sobre a trilha sonora, é importante dizer que a música tema para o projeto e que, conseqüentemente, virou a abertura das entrevistas foi “Fora da Memória” do trio musical brasileiro Tribalistas com vocais de Marisa Monte (2017). A canção me inspirou em diversos momentos por trazer essa áurea sobre a memória, sobre o passado, o presente e do que será o futuro.

Para valorizar ainda mais as raízes cearenses, ainda mais no recorte central, precisava abrir o primeiro ato com um forró. Por isso, a escolha foi a música de Gordurinha e de Nelinho dos anos 1960 que é intitulada de “Praça do Ferreira”, no entanto, é importante pontuar que a canção carrega pensamentos e falas bastante problemáticas. (Natural Relax; Gordurinha; Nelinho, 2011). Além disso, no que tange à trilha sonora, é válido ressaltar que, por possíveis questões de direitos autorais, realizei também um segundo *upload* dos atos com um forró de fundo livre de direitos autorais para prevenir qualquer impasse em relação a isso.

O nono e último ato vem para concluir, mas deixando um espaço em aberto para todas as histórias que passaram, ficaram e as que estão por vir. A composição deste é feita de maneira semelhante ao primeiro, ao passo em que estou narrando e recapitulando os planos sobre o Centro de Fortaleza com uma ambientação do movimento e das ruas. Por fim, todos os atos foram legendados para garantir o entendimento geral e a acessibilidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O centro é acaso. Casos, histórias e memórias que são impossíveis de serem contempladas e mensuradas em sua pluralidade e profundidade em 30 minutos. No início a ideia do presente trabalho de conclusão de curso era falar de um centro o qual eu conheci e vivi desde a minha infância. Eu não tinha ideia de que o bairro é

muito mais do que as minhas memórias. Falar sobre o Centro de Fortaleza é um fechamento de ciclo. Que se abre em ruas de memória.

Os primeiros esboços já traziam as ideias de fazer um documentário para as redes sociais que falasse sobre o centro. Mas de que modo? Quando essas ideias começaram a surgir não sabia o rumo que o trabalho chegaria. Após as filmagens concluí que era uma produção de pessoas voltada para as pessoas, pois são elas que fazem do centro o que ele é.

O *Ruas em Memória* me revelou os caminhos que existem nos indivíduos e nas suas memórias. Afinal, o centro é feito de gente e, conseqüentemente, de trabalho, de cultura, de afeto, de risadas e principalmente de memórias. O que me levou a explorar o centro com uma percepção diferente, cada detalhe, cada plano, cada filmagem, cada som, permitindo uma compreensão mais ampla sobre as pessoas que frequentam o centro por diferentes motivos.

A partir da troca de experiências com os entrevistados, escutei a versão daqueles que frequentam e tem memórias do que foi e do que é o Centro de Fortaleza e também do que ele representa. Descobri uma pluralidade de opiniões, há quem diga que o centro em nada mudou e que continua em seu auge, tanto no comércio quanto na cultura, devido a diversidade de produtos e de atividades centralizadas em um só local. Mas existe também quem ache que o local já não é mais o coração da cidade devido a baixa valorização do comércio e da cultura.

Durante a produção do projeto, com as repercussões que as falas dos entrevistados me causaram, foi possível perceber como as histórias dos trabalhadores e das pessoas que passam pelo bairro se relacionam com a região, destacando sua relevância para a cultura e para o comércio. O centro não é perfeito. Possui seus entraves, principalmente relacionados a deterioração de ruas e de patrimônios históricos que estão no bairro, também existem questões de infraestrutura, de moradia e de acessibilidade, além de necessitar de uma atenção dos governantes como a criação de políticas públicas para cuidar das pessoas em situação de vulnerabilidade que recorrem a região central para morar. Entretanto, nenhum desses problemas são as pessoas e as memórias que ali se movimentam e se materializam. Muito pelo contrário, tais acontecimentos tornam o centro imaterialmente rico de memória.

Os desafios encontrados ao longo do percurso, como o estudo bibliográfico sobre o bairro, a busca e a abordagem dos possíveis entrevistados e, de fato, gravar

um vídeo no bairro conhecido por ser “zuadento”, relativamente perigoso e com grande fluxo de pessoas, foram questões fundamentais de serem ultrapassadas para o amadurecimento não só do projeto, mas também pessoal. Para andar no centro tem que ser desenrolado. Com efeito, superar esses desafios e contornar essas barreiras possibilitaram um olhar mais crítico e consciente sobre a região, demonstrando a importância de celebrar e de salvaguardar as memórias das que fizeram e fazem do centro o que ele é.

Ao trazer as reflexões sobre as memórias, surgiram algumas indagações: como guardá-las e passá-las a uma nova geração? O trabalho se encerra assim? A partir da análise realizada, compreendi que o bairro não se resume a abandono e a placas de aluga-se, o que reforça a necessidade de chamar a atenção para tantos outros aspectos que coexistem no bairro. Ao publicar os vídeos nas redes sociais, como o TikTok e o Instagram, as memórias podem continuar vivas nas redes e compartilhadas para ainda mais pessoas.

Este estudo não se encerra aqui. Há diversas possibilidades para aprofundamento, como as questões culturais, políticas e de infraestrutura, que podem ampliar ainda mais a compreensão sobre o centro. O *Ruas em Memória* não está fechado e possibilita outras pessoas, estudantes e pesquisadores, a somarem e abrirem uma infinidade de portas que podem revelar outras histórias e outros caminhos a serem descobertos. Espera-se que este produto contribua para que a memória daqueles que tornam o bairro um local especial não seja esquecida, mas sim valorizada, incentivando novas discussões e reflexões sobre a vida e o movimento no centro.

À luz dessas considerações, a aplicação prática dos resultados pode provocar entes governamentais, profissionais, pesquisadores e comunidades a fazerem mudanças para a preservação e a celebração do bairro. *Ruas em Memória* vem para dar luz a algumas histórias da imensidão existente que não cabem em uma placa.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Mozart S. *A praça*. Fortaleza: Tipoprogresso, 1989.
- ALTAFINI, Thiago; GAMO, Alessandro. Web-séries no contexto dos Universos Narrativos Expandidos. *Revista GEMInIS*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 43–52, 2010. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/28>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- APPLE. *iPhone 14 e iPhone 14 Plus – Especificações*. Disponível em: <https://www.apple.com/br/iphone-14/specs/>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- BELMINO, S. H. *Sinta na pele esta magia: a propaganda turística do Ceará (1987–1994)*. [S. l.]: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 2018.
- BERNAL, Maria. Centro de Fortaleza: reabilitação urbana para quem? *Mercator: Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 49–56, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273620645005.pdf>. Acesso em: 3 ago. 2024.
- CARVALHO, Gilmar de. *O dia em que vaiaram o sol na Praça do Ferreira*. Fortaleza: Grupo Balaio, 1983.
- COSTA, C.; BELMINO, S. Representação e memória coletiva no rádio em Sobral, Ceará, Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASHISCOM, 16., 2019, [S. l.]. *Anais...* [S. l.]: [s. n.], 2019. p. 76–87.
- CREATIVE, M. *Vertical video: how mobile video changed the dominant format*. Disponível em: <https://magneticcreative.com/ideas/vertical-video>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- FORTALEZA (Município). Secretaria Regional 12. *A Secretaria*. Disponível em: <https://www.fortaleza.ce.gov.br/institucional/a-secretaria-321>. Acesso em: 4 fev. 2025.
- GALENO, Alberto S. *A praça e o povo: homens e acontecimentos que fizeram história na Praça do Ferreira*. Fortaleza: Multigraf, 2000.
- GEORGE, Bárbara Rodrigues Nogueira; SILVA, Antônio César da. Viva o Centro Fortaleza: um estudo sobre a ocupação dos espaços públicos da cidade de Fortaleza e seus desdobramentos culturais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2016.
- GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. *Revista Morpheus – Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 23 set. 2024.

GORCZEWSKI, D.; SANTOS, L. R. M.; ALBUQUERQUE, A. M.; FILHO, F. F. M. Caminhar com as cidades: estranhar, conversar e conviver. *Revista Digital do LAV*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e16/1–21, 2023. DOI: 10.5902/1983734884075. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/84075>. Acesso em: 21 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO DE FORTALEZA (IPPLAN). *121 bairros de Fortaleza*. Disponível em: <https://bairros.fortaleza.ce.gov.br/bairro/centro>. Acesso em: 8 fev. 2025.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

LOPES, Francisco. Requalificação urbana no centro de Fortaleza (CE). *Revista Tamoios*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, 2015. DOI: 10.12957/tamoios.2015.18132. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/18132>. Acesso em: 22 ago. 2024.

MARISA MONTE. *Fora da memória – Tribalistas (lyric video)*. [S. l.]: YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FhIFWOdhJhI>. Acesso em: 4 fev. 2025.

MAX PETTERSON MONTEIRO. *Como é o Mercado Central de Fortaleza*. [S. l.]: YouTube, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T8wHLLosdVI>. Acesso em: 23 set. 2024.

NATURAL RELAX; GORDURINHA; NELINHO. *Praça do Ferreira – Música de Gordurinha (anos 60)*. [S. l.]: YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GEJwq-Toj48>. Acesso em: 8 fev. 2025.

PINK, S. An urban tour: the sensory sociality of ethnographic place-making. *SAGE Publications*, v. 9, 2008.

POCINHO, M.; GARCÊS, S. *Psicologia da criatividade*. 1. ed. [S. l.]: Universidade da Madeira, 2018.

SAFIRA MOREIRA. *Olhares Negros – Episódio 1 (Dan Ferreira)*. [S. l.]: YouTube, 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gIHbLRQWZo>. Acesso em: 27 jan. 2025.

SOUZA, A. *Arquitetura neoclássica e cotidiano social do centro histórico de Fortaleza – da Belle Époque ao acaso do início do século XXI*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

TEIXEIRA, F. C.; SILVA, R. D.-V. de O. e; BONA, R. J. O processo de desenvolvimento de uma identidade visual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2012, [S. l.]. *Anais...* [S. l.]: Intercom, 2012. p. 1–14.

TIKTOK. *Make your day*. 2020. Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/creating-videos/camera-tools/. Acesso em: 27 jan. 2025.

VASCONCELOS, Leonardo Costa de. *Um centro para uma cidade (pós-)moderna: a requalificação do Centro Histórico de Fortaleza*. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

APÊNDICE

ROTEIRO - Entrevistas “Ruas em Memória”.

Peças: Atos 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8.

Formato: Proporção 9:16 (Vertical).

Duração: Não definido (dependerá da captação).

Áudio: Original + música calma de fundo.

1. Qual o seu nome e profissão?
2. Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza?
3. Qual motivo o fazia vir para este local?
4. Como era o movimento do centro nesse período? E como você percebe o movimento das ruas no centro hoje?
5. Como você percebe o comércio e a cultura do centro?
6. Se você tivesse que abrir um novo comércio hoje OU se você tivesse que fazer compras, você ainda escolheria o centro?
7. Tem alguma história marcante ou engraçada que envolve o centro?
8. Uma coisa que só tem no centro e diga sua opinião se você gosta ou não.
9. Bate Bola Jogo Rápido sobre o Centro

- Uma cor que representa o centro?
- Um canto preferido do bairro?
- Uma rua do centro?

ANEXO A - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

1. Entrevista com Raimundo Nonato, comerciante.

Realizada em 22 de Janeiro de 2025.

Entrevistador: Bom dia. Tudo bem?

Entrevistado: Bom dia.

Entrevistador: Como é o seu nome e profissão?

Entrevistado: Raimundo Nonato de Oliveira. Comerciante.

Entrevistador: Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade?

Entrevistado: Foi dia 15 de janeiro de 1975.

Entrevistador: Qual motivo fazia o senhor vir para este local?

Entrevistado: O motivo foi que eu vim do interior para cá, e o meu primeiro emprego foi aqui dentro do Mercado Central, vendendo calçados. Depois, passei a vender redes e até hoje estou nessa luta.

Entrevistador: E como era o movimento nesse período? E como o senhor enxerga o movimento de pessoas e de comércio hoje no centro?

Entrevistado: Naquele tempo, o comércio aqui dentro do mercado era de dezembro a janeiro, dois meses de comércio, depois caía. Julho começava de novo e ia até dezembro. E, hoje, mudou muito o centro, tá abandonado, não tem mais segurança. Antigamente tinha menos perseguição.

Entrevistador: E como o senhor percebe a cultura no centro?

Entrevistado: A cultura caiu muito. O povo não liga mais. Hoje é envolvido com tudo que não presta, não quer saber mais de trabalhar.

Entrevistador: Se o senhor ainda tivesse que trabalhar, ou abrir um novo comércio hoje, o senhor ainda escolheria o centro?

Entrevistado: Não. Hoje eu não escolheria mais o centro. Hoje, hoje.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistado: Eu ia partir pro interior. Hoje, para velho, não dá mais não.

Entrevistador: Existe alguma história engraçada ou marcante que envolva o centro na sua vida?

Entrevistado: Rapaz, têm muitas histórias, né? Assim, pra gente lembrar... Mas a minha história aqui do centro é: quando a gente chegou do interior, quando a gente chega brabo, né, aí vai amansando... Mas, no momento, eu não recordo de nenhuma história daqui do centro mesmo.

Entrevistador: E, pra finalizar, eu vou fazer um bate-bola jogo rápido sobre o centro. Uma cor que representa o centro?

Entrevistado: Pra mim, branca.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Entrevistado: Praça do Ferreira.

Entrevistador: E, pra finalizar, uma rua do centro?

Entrevistado: General Bezerril. Habito nela desde 75.

Entrevistador: Muito obrigado.

2. Entrevista com Raquel Ferreira, vendedora do Raimundo dos Queijos.

Realizada em 22 de Janeiro de 2025.

Entrevistador: Bom dia, tudo bem?

Entrevistada: Tudo!

Entrevistador: Qual o seu nome e sua profissão?

Entrevistada: Eu me chamo Raquel e sou vendedora. Trabalho no centro há 13 anos já.

Entrevistador: Quando e como foi seu primeiro contato com o centro da cidade?

Entrevistada: Desde muito nova, na faixa de uns 6 a 8 anos de idade.

Entrevistador: Que motivos a faziam vir para este local?

Entrevistada: Vinha fazer compra de final de ano, material escolar, com a minha mãe.

Entrevistador: Como era o movimento neste período? E como você enxerga o movimento não só de pessoas, mas da rua do centro hoje?

Entrevistada: Bom, sempre foi muito movimentado e hoje eu acredito que esteja

melhor, assim, porque fizeram recapitalização, reforma, né? Tá ótimo.

Entrevistador: Como você percebe não só o comércio, mas a cultura do centro?

Entrevistada: Bom, hoje em dia o centro tem muito pré-carnaval, atividades para as crianças, bloquinhos, piquenique... Tem, assim, muita coisa legal no centro, tem muito museu.

Entrevistador: Se você tivesse que trabalhar em um novo local, você ainda escolheria o centro?

Entrevistada: Sim, escolheria. Gosto... Aqui é bom porque é muito fácil de chegar e aqui tem tudo, tudo você encontra. Você vai ali na hora do almoço e compra uma coisa.

Entrevistador: Tem alguma história engraçada, interessante, que te marcou sobre o centro?

Entrevistada: Tem... Aqui no centro eles gravam muitas pegadinhas. Uma vez, na Praça do Ferreira, apareceu um doido de camisa de força pedindo pra eu soltar ele. A entrevistada riu. Só que era uma pegadinha, estavam filmando.

Entrevistador: Uma coisa que só tem no centro?

Entrevistada: A diversidade de lojas, de pessoas... Tudo você encontra, de lazer.

Entrevistador: Agora, pra finalizar, um bate-bola jogo rápido sobre o centro:

Entrevistador: Uma cor que represente o centro.

Entrevistada: Amarelo.

Entrevistador: Um canto preferido do centro.

Entrevistada: Raimundo do Queijo.

Entrevistador: E, pra finalizar, uma rua do centro.

Entrevistada: General Bezerril.

Entrevistador: Obrigado pela atenção!

Entrevistada: Por nada.

3. Entrevista com Kauã Teixeira, estudante.

Realizada em 6 de Fevereiro de 2025.

Entrevistador: Qual o seu nome e profissão?

Entrevistado: Kauã Teixeira Amorim, sou estudante agora.

Entrevistador: Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza?

Entrevistado: Foi quando eu era criança e eu vinha com minha mãe aqui pra fazer compras aqui com ela.

Entrevistador: Como era o movimento do centro antigamente? E como você percebe o movimento das ruas no centro hoje?

Entrevistado: Eu me lembro que naquele tempo era bem mais movimentado do que era hoje. Acho que as pessoas estão começando a mudar, né, tipo, elas vem aqui mas ainda preferem comprar em outros cantos agora.

Entrevistador: Se você tivesse que fazer compras, você ainda escolheria o centro?

Entrevistado: Não, não. Eu ainda prefiro no Centro, o Centro pra mim é um lugar que tem tudo.

Entrevistador: Tem alguma memória marcante ou uma história engraçada que envolve o centro?

Entrevistado: Eu me lembro que eu vinha aqui antigamente, tinha muitas pessoas que faziam vários shows, né? Eu achava muito divertido isso, mas hoje eu nem vejo mais muito disso. parece que as pessoas perderam a graça.

Entrevistador: Na sua opinião, diga uma coisa que só tem no centro.

Entrevistado: Variedade.

Entrevistador: Uma cor que representa o centro?

Entrevistado: Amarelo.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Entrevistado: A Praça do Ferreira.

Entrevistador: Uma rua do centro?

Entrevistado: Barão do Rio Branco.

4. Entrevista com Ane Karoline, dentista.

Realizada em 6 de Fevereiro de 2025.

Entrevistador: Qual o seu nome e profissão?

Entrevistada: Meu nome é Karol, eu sou dentista.

Entrevistador: Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza?

Entrevistada: Desde muito muito nova, desde muito pequena, desde os dois anos de idade, minha mãe estava sempre comigo aqui andando.

Entrevistador: Qual motivo a fazia vir para este local?

Entrevistada: Aqui tem de tudo pra gente, de todos os serviços possíveis.

Entrevistador: Como era o movimento do centro antigamente? E como você percebe o movimento das ruas no centro hoje?

Entrevistada: Não, não mudou nada pra mim. É tanto que eu acho muito nostálgico até hoje vir pro Centro.

Entrevistador: Se você tivesse que fazer compras, você ainda escolheria o centro?

Entrevistada: Ainda escolheria o Centro porque é um lugar que eu consigo achar tudo e o preço é tudo.

Entrevistador: Tem alguma memória marcante ou uma história engraçada que envolve o centro?

Entrevistada: O próprio sempre vir com a minha mãe pra tudo.

Entrevistador: Na sua opinião, diga uma coisa que só tem no centro.

Entrevistada: Que só tem no Centro? Preço. Barato. Tudo.

Entrevistador: Uma cor que representa o centro?

Entrevistada: Verde.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Entrevistada: Um canto preferido do Centro? A Praça dos Leões.

Entrevistador: Uma rua do centro?

Entrevistada: Nome? Rua Rio Branco.

5. Entrevista com Jailson Monte, autônomo.

Realizada em 6 de Fevereiro de 2025.

Entrevistador: Qual o seu nome e profissão?

Entrevistado: Meu nome é Jailson. Minha profissão é trabalhar com bombom, Nucita IceKiss nos ônibus coletivos de Fortaleza.

Entrevistador: Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza?

Entrevistado: O primeiro contato de Fortaleza foi quando eu comecei a passar condições dentro de casa e vim vender muitas Nucita e IceKiss nos ônibus. conheci fortaleza com isso.

Entrevistador: Qual motivo a fazia vir para este local?

Entrevistado: O motivo pra mim fazer vir pro Centro, primeiramente, foi saber como é o trabalho, que é muito bom, o Centro que é muito movimentado. Foi o único lugar que eu percebi que podia vender meus bombons, nucas e icekiss.

Entrevistador: Como era o movimento do centro antigamente? E como você percebe o movimento das ruas no centro hoje?

Entrevistado: Essas semanas adorei muito porque vi que era muito bom pras minhas vendas. Essas semanas tá muito bem.

Entrevistador: Se você tivesse que abrir um novo comércio hoje, você ainda escolheria o centro?

Entrevistado: Sim, sim. Poder botar meus produtos em vendas, como uma bomboniere, o Centro de Fortaleza é muito bom. Foi com ela que eu conquistei meu trabalho e com ela que eu ia poder fazer muito mais.

Entrevistador: Tem alguma memória marcante ou uma história engraçada que envolve o centro?

Entrevistado: Muitas histórias... Ferreira do Dragão, é uma história muito babado.

Entrevistador: Na sua opinião, diga uma coisa que só tem no centro.

Entrevistado: Trabalhar muito!

Entrevistador: Uma cor que representa o centro?

Entrevistado: Cor Roxo.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Entrevistado: Lugar preferido do Centro, como eu falei primeiramente, peço desculpas, Ferreira do Dragão.

Entrevistador: Uma rua do centro?

Entrevistado: É babado... Ferreira do Dragão.

6. Entrevista com Emanuela e Ricardo comerciantes.

Realizada em 22 de Janeiro de 2025.

Entrevistador: Bom dia, tudo bem? Qual seu nome e profissão?

Entrevistado: Meu nome é Ricardo e eu trabalho como autônomo na barraca de lanche e de tapioca RM Lanches.

Entrevistada : Bom dia, eu sou Manuela, trabalho como autônoma com meu esposo na RM Lanches.

Entrevistador: Quando e como foi o primeiro contato de vocês com o Centro de Fortaleza?

Entrevistado: Meu primeiro contato foi no ano de 2010, quando vim de uma cidade chamada Guaraciaba do Norte para Fortaleza, no Centro.

Entrevistada: O meu foi em 2015, quando a gente (Ricardo) se conheceu, né? E aí ele logo começou a vir aqui para o Centro com lanche e eu vim junto com ele.

Entrevistador: Perfeito! Qual motivo, além do trabalho, fazia vocês virem para este local?

Entrevistada: Antes era... compras. Tinha mais lojas, tinha mais comércio, né? Era isso. E depois comecei a trabalhar com lanche.

Entrevistador: Perfeito! Como era esse movimento na época em que vocês abriram a barraca e como vocês percebem o movimento hoje?

Entrevistada: Assim...

Entrevistado: A gente abriu... No início, esse tipo de negócio era bem mais parado, depois fomos vendo um movimento em relação às lojas e ao comércio.

Entrevistada: O movimento em si do Centro era bem, bem movimentado. O nosso, quando começou, foi no início, sempre no início não é aquele grande movimento. Mas tinha muito movimento no Centro. O nosso movimento é bom, mas não como depois de uns dois anos, quando era bem mais movimentado para nós, né?

Entrevistador: Como vocês percebem o comércio e a cultura do Centro?

Entrevistada: Percebo que o comércio está a cada dia perdendo força. Eu acho que o Centro foi muito tomado por questões de moradores de rua, não tem muita segurança... Então, devido ao aumento dos preços das coisas, muitas lojas fecham porque não conseguem se manter. E hoje o que segura o Centro são essas lojinhas tipo Shopee, de preço único.

Entrevistado: Diversidade.

Entrevistada: Mais movimento.

Entrevistador: Se vocês tivessem que abrir um novo comércio hoje, ainda escolheriam o Centro?

Entrevistados em conjunto: Não.

Entrevistador: Por quê?

Entrevistada: Por causa do movimento, né? O comércio está perdendo força.

Entrevistador: Tem alguma história engraçada ou curiosa que envolva o Centro e tenha marcado vocês?

Entrevistada: Que marcaram...

Entrevistado: Uma história que me marcou foi a vez que, no início de morar aqui, eu me perdi no Centro. Eu lembro disso e acho que foi engraçado, de certa forma.

Entrevistador: E você?

Entrevistada: Não... Eu não tenho nenhuma história engraçada, não. Acho que a questão mesmo é que sou muito tagarela, digamos assim. Às vezes pago uns micos, sei lá, dou uma topada, algo do tipo.

Entrevistador: E, pra finalizar, uma coisa que só tem no Centro?

Entrevistado: Acho que...

Entrevistada: Só tem no Centro... Eu acredito que o que mais se destaca é a questão dos autônomos, né? Dos ambulantes. É um número maior aqui no Centro.

Entrevistador: E eu queria, pra terminar mesmo, fazer um bate-bola jogo rápido com vocês sobre o Centro. Primeiramente, uma cor que represente o Centro.

Entrevistada: Verde, né?

Entrevistado: Verde, devido às praças, né?

Entrevistada: Árvores.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Entrevistada: Do bairro? Aqui do Centro? Aqui o cantinho...

Entrevistado: Calçadão C. Rolim.

Entrevistada: É, que é onde fica a RM Lanches.

Entrevistador: E, pra finalizar mesmo, uma rua do Centro?

Entrevistados em conjunto: Sena Madureira, que é a esquina aqui.

Entrevistador: Obrigado pela atenção, gente.

7. Entrevista com Fátima e Jacinta Marques.

Realizada em 23 de Janeiro de 2025.

Entrevistador: Qual o seu nome e profissão?

Fátima: Eu sou Fátima Maria e de lá foi que nós viemos morar em Fortaleza, mas eu já tinha 15 anos. Cheguei aqui, viemos através da minha irmã que buscava bastante a melhoria da família toda e nós viemos num carro de qualquer coisa de mudanças, de qualquer coisa, meu pai e minha mãe vieram na boleia mas nós viemos na carroceria. E chegamos em Fortaleza, minha irmã tinha alugado uma casa que ela já trabalhava numa multinacional fazendo correspondência em vários idiomas, e nessa época ela não tinha curso de nada, ela fazia através do dicionário. E isso fez com que ela ficasse bem ativa e queria nos colocar nós no melhor negócio que tivesse. Daí foi quando nós buscamos nosso ramo de atividade. Eu fui trabalhar numa livraria e daí desenvolvi bastante a livraria era só de livros usados mas eu consegui fazer uma biblioteca organizada sem noção nenhuma mas busquei da minha própria mente.

Jacinta: Eu também vim de Maranguape, somos irmãs, meu nome é Jacinta Marques e meu primeiro emprego, já tinha uns 16 anos, trabalhei numa fábrica de álcool. lavava garrafa

Entrevistador: Quando e como foi o seu primeiro contato com o centro da cidade de Fortaleza?

Jacinta: Foi quando a minha irmã mais velha trouxe a gente pra Fortaleza, ela, como a Fátima trabalhava na livraria, aí ela chamou a Fátima para botar uma livraria. Aí a Fátima perguntou: como a gente bota uma livraria sem ter dinheiro? Aí ela disse: a gente bota lá caixa velha, bota um público pequenininho pode ser que dê certo. Aí nisso nós fomos pra esse ponto na General Sampaio com a Pedro I e deu certo.

Entrevistador: Como era o movimento do centro antigamente? E como você percebe o movimento das ruas no centro hoje?

Fátima: O período era muito forte. Muito bom, vendíamos muitos livros, é como a quantidade de vendas era tão grande, e as editoras não atendiam nossos pedidos, nós nos instalamos no Rio de Janeiro.

Entrevistador: Se você tivesse que abrir um novo comércio hoje, você ainda escolheria o centro?

Fátima: Hoje a parte de comércio de livros não existe mais porque as livrarias todas fecharam, só as nossas que não fecharam. Umas faliram e outras fecharam mesmo. Uma coisa que foi muito triste quando vimos nossos colegas fechando as portas. Foi realmente muito triste. Então, eu se tivesse que botar um negócio hoje, eu não ia botar nada. Porque eu me envolvi tanto com livro que é só o que eu sei fazer.

Jacinta: Ainda temos livraria na Major Facundo. Comércio esse ano que começou agora tá até bom, mas já tivemos até a intenção de fechar também por motivos de vender pouco, mas nós trabalhamos muitos e parece que deu certo a gente ficar ainda com livraria, mas ninguém sabe com certeza se a gente vai continuar. E as pessoas, os clientes, temos clientes de até 50 anos, e hoje eles perguntam: cadê as livrarias daqui? Eram 10 livrarias só na Major Facundo, aí o povo apelidou a major facundo como a rua das livrarias. Então, elas ficam perguntando e elas ficam tristes por terem fechado 9 e hoje só tem a minha. Só tem uma. Elas ficam muito tristes com isso, os próprios clientes.

Entrevistador: Como você percebe não só o comércio, mas também a cultura do centro?

Fátima: O Centro sempre na nossa parte, no local, não tinha nada porque era parado. Era só uma livraria que tinha lá, então quando era tempo de livros... Mas eu me lembro que tinha uma coisa engraçada mesmo era no tempo do...

Jacinta: do Tiririca que tu diz?

Fátima: do Tiririca, ele fazia coisas engraçadas lá, vendia picolé e pipoca. E ele fazia muita coisa engraçada. Só o que eu me lembro. Mas devia ter mais coisa.

Entrevistador: Tem alguma memória marcante ou uma história engraçada que envolve o centro?

Jacinta: Na época, faz muito tempo não, nós não tínhamos carros, nós andávamos de ônibus. Então, ia uma turma de 8 pessoas. Umas três irmãs minhas, minhas sobrinhas, até filha tinha também. Então, nós fomos comprar milho, já eram 22 horas da noite quando a gente saia da loja, nós fomos comprar milho nos camelôs. Era ali bem bem em frente ao parque da criança, e o ônibus era na praça do coração de Jesus, então a gente ia a pé andava 3 ou 4 quarteirões. e de longe o motorista já conhecia a gente e esperava que a gente chegasse lá pra poder apanhar o ônibus. E nesse negócio, eu já conhecia e quando eu cheguei tinha duas pessoas escolhendo o milho com o garfo, nós perdemos o maior tempo porque estávamos com muita fome e cansada também né. Aí a moça disse assim: deixe de ser mal educada suas ignorantes...

Jacinta: suas, é..., não sei o que ela falou sobre o Ceará. Nessa Fortaleza velha só tem gente preguiçoso. Nós estamos saindo do trabalho 22 horas da noite, desde 7 horas estamos aqui no centro, como que nós somos preguiçosos? Então, aí eu continuei, era uma espiga de milho para cada uma, cada um pegava uma. Aí ela ficou ainda lá, aí ela chamava a gente de preguiçosa, aí minha irmã que era um pouquinho atrevida disse preguiçosos são vocês lá da baixada fluminense. Que eles eram lá do Rio de Janeiro. Ai pronto, nós continuamos...

Fátima: Aí qual foi a parte que vocês correram no Centro... Guarda Chuva.

Jacinta: Foi correu atrás da gente com guarda chuva, nós corremos mas ela cuspiu em mim. Minha irmã não gostou, aí fez uma volta no quarteirão pegou eles lá na frente, aí também ela cuspiu. E pronto, a questão acabou por isso.

Juntas: Com a boca cheia de milho.

Entrevistador: Na sua opinião, diga uma coisa que só tem no centro..

Jacinta: Que só tem no Centro? Diz aí...

Fátima: Camelô.

Jacinta: É. Muito camelô, muito mesmo. Muito!

Entrevistador: Uma cor que representa o centro?

Jacinta: Pra mim, é, pra ela não sei, pra mim é vermelho.

Fátima: Vermelho também.

Entrevistador: Um canto preferido do bairro?

Fátima: De preferência? A cidade da criança.

Jacinta: Lá também na cidade da criança. Era muito bom pra gente porque era caminho a gente às vezes entrava, ficava olhando as árvores, o parquezinho que tem, um canal, um lago que tem lá. A gente gostava muito.

Entrevistador: Uma rua do centro?

Fátima: Major Facundo.

Jacinta: Floriano Peixoto.

Fátima: Duas ruas que vão...

Juntas: Sair na praça do Ferreira.

ANEXO B - Direito de Imagem



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
 CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av./Rua _____, nº. _____, município de _____/Ceará. Autorizo o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - Produção Publicitária - Documentário, intitulado "**Ruas em Memória**." A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) documentário; (II) mídia sociais.

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, dia ____ de _____ de _____.

 (Assinatura)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM


Eu, Emanuela Maria de Melo,
nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de
identidade RG nº. 3050669, inscrito no CPF/MF sob nº
043082835-02, residente à Av./Rua
Padre Antonino, nº. 107, município de
Fatima/Ceará. Autorizo o uso de minha imagem em todo e
qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho
de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - Produção Publicitária - Documentário,
intitulado "Ruas em Memória." A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes
formas: (I) documentário; (II) mídia sociais.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem
que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
outro, e assino a presente autorização.

[Assinatura], dia 22 de junho de 2025.

Emanuela Maria de Melo
(Assinatura)


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
 CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

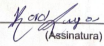
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Euclides Soares C. dos Anjos,
 nacionalidade BR, estado civil solteiro, portador da Cédula de
 identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº
093.632.602-73, residente à Av./Rua
Rua St. Catarina, nº. 10, município de
Fortaleza/Ceará. Autorizo o uso de minha imagem em todo e
 qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho
 de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - Produção Publicitária - Documentário,
 intitulado "Ruas em Memória." A presente autorização é concedida a título gratuito,
 abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes
 formas: (I) documentário; (II) mídia sociais.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
 direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem
 que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização.

quinta, dia 06 de junho de 2025.



 (Assinatura)


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
 CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PUBLICIDADE E PROPAGANDA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Kaún Teixeira,
 nacionalidade BRASIL, estado civil SOLTEIRO, portador da Cédula de
 identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº
 _____, residente à Av./Rua
 _____, nº. _____, município de
 _____/Ceará. Autorizo o uso de minha imagem em todo e
 qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no Trabalho
 de Conclusão de Curso - Projeto Experimental - Produção Publicitária - Documentário,
 intitulado "Ruas em Memória." A presente autorização é concedida a título gratuito,
 abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes
 formas: (I) documentário; (II) mídia sociais.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de
 direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem
 que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
 outro, e assino a presente autorização.

quinta, dia 06 de junho de 2025.

Kaún Teixeira

 (Assinatura)